PRÓLOGO

Esta primeira parte de uma história maior sobre a erupção vulcânica do Mauna Loa tornou-se informação secreta dias após ter acontecido em 2016 nos Jardins Botânicos de Hilo. Permaneceu altamente secreta até recentemente.

UM

Hilo, Havai
28 de março de 2016

Rachel Sherrill, a poucos dias de cumprir 30 anos, detentora de um mestrado em Biologia da Conservação pela Universidade de Stanford, estrela em ascensão no seu mundo, ainda se considerava a miúda mais inteligente da turma. *De praticamente qualquer turma.*

Mas hoje, nos Jardins Botânicos de Hilo, Rachel tentava ser a professora substituta fixe de um grupo irrequieto e abismado de alunos do quinto ano de visita do continente.

— Sejamos honestos, Rachel — dissera-lhe o diretor-geral dos jardins, Theo Nakamura, no início dessa manhã. — Fazeres de guia a estes turistas em miniatura é uma forma de dares uso à tua imaturidade.

— Estás a dizer que me comporto como uma miúda de dez anos?

— Num dia bom — respondeu Theo.

Theo fora o académico destemido que a contratara quando o parque abrira no ano anterior. Por muito jovem que fosse (e parecesse), Rachel era muito boa no que fazia, ou seja, ser a principal bióloga vegetal do parque. Era um ótimo emprego, e ela adorava-o.

E, para ser honesta, uma das sua partes preferidas do trabalho era servir de guia aos mais pequenos.

O passeio no parque nessa manhã era com uns alunos bastante sortudos e endinheirados que viajaram até ao Havai oriundos da Convent and Stuart Hall, em São Francisco. Rachel tentava entreter e educá-los sobre o mundo natural que os rodeava.

Mas por muito que quisesse falar sobre o que estavam a observar (jardins de orquídeas; bambu altíssimo; coqueiros; jaqueiras; plantas comestíveis como a fruta-pão, a nogueira-de-iguape e o ananás-vermelho; cascatas rivais com mais de trinta metros de altura; hibisco por todo o lado, literalmente), Rachel tinha de competir pela atenção das crianças com os dois vulcões mais próximos dos cinco existentes na Ilha Grande: o Mauna Loa, o maior vulcão ativo no mundo, e o Mauna Kea, que não entrava em erupção havia mais de quatro mil anos.

Sem qualquer dúvida, os meninos da cidade tinham nos picos gémeos o destaque da visita, a melhor paisagem que viram na terra das maravilhas tipo postal chamada Havai. Que miúdo não daria tudo para ver o Mauna Loa em erupção e a cuspir um rio de lava com mais de quinhentos graus centígrados?

Rachel explicava que o solo vulcânico do Havai era uma das razões para haver tanta beleza natural na ilha, um exemplo em PowerPoint de todo o bem que resultara de erupções passadas, ajudando o Havai a produzir grãos que faziam café tão delicioso como qualquer outro no mundo.

— Mas os vulcões não vão explodir hoje, pois não? — perguntou uma menina, com os enormes olhos castanhos pregados nos picos gémeos.

— Se *pensarem* nisso sequer — disse Rachel —, vamos construir uma cúpula sobre eles como as que há nos novos estádios de futebol americano. Vamos ver se eles gostam *disso* da próxima vez que tentarem soltar uns vapores para libertar a tensão.

Não teve resposta. Grilos. Grilos de campo do Pacífico, mais exatamente. Rachel sorriu. Às vezes não conseguia controlar-se.

— Que tipo de café há aqui? — perguntou outro aluno com ar de quem só tirava vinte valores.

— Starbucks — respondeu Rachel.

Desta vez, riram-se. *Uma a seguir à outra*, pensou Rachel. *Não se esqueçam de deixar gorjeta a quem vos serviu.*

Mas nem todos os miúdos se riram.

— Porque é que esta árvore está a ficar preta, menina Sherrill? — perguntou um rapaz curioso, óculos com armação de arame a escorregar pelo nariz.

Christopher afastara-se do grupo e encontrava-se frente a um pequeno arvoredo de figueiras-de-bengala, a cerca de trinta metros de distância, no meio do relvado.

No minuto seguinte, todos ouviram um som arrebatador do que parecia um trovão ao longe. Rachel perguntou de si para si, como os recém-chegados ao Havai sempre perguntavam: *Será uma grande tempestade que se aproxima ou o início de uma erupção?*

Quando a maioria dos miúdos olhou para o céu, Rachel dirigiu-se apressadamente ao rapaz de óculos que olhava para as figueiras-de-bengala com ar preocupado.

— Bem, Christopher — disse Rachel quando se chegou ele —, sabes que prometi responder a todas as tuas perguntas...

O resto do que estava prestes a dizer ficou-lhe preso na garganta. Rachel viu o que Christopher via; só não conseguia crer nos seus próprios olhos.

Não se tratava apenas do facto de as três figueiras-de-bengala mais próximas estarem negras. Rachel conseguia até ver o negrume borbulhoso tipo tinta a espalhar-se como um derrame de petróleo, uma mancha terrível qualquer, mas a escuridão estava *a subir* pela árvore. Era como uma espécie de fluxo invertido de lava de um dos vulcões, mas a lava desafiava a gravidade, já para não falar no facto de Rachel Sherrill saber tudo sobre doenças de plantas e árvores.

Talvez, afinal, não fosse a miúda mais inteligente da turma.

DOIS

— Mas que merda... — ia dizer Rachel, detendo-se ao aperceber-se do frágil miúdo de dez anos que tinha ao seu lado.

Debruçou-se até bem perto do chão e observou manchas escuras suspeitas que formavam um trilho até à árvore, como pegadas de um animal mítico qualquer com patas redondas. Rachel ajoelhou-se e tocou nas manchas. A relva não estava húmida. Na verdade, as folhas pareciam ásperas como os pelos de uma escova de arame.

No dia anterior, aquele negrume não estava ali.

Rachel tocou na casca de outra árvore infetada. Desfez-se, primeiro em flocos e depois em pó. Afastou rapidamente a mão e viu o que parecia uma mancha de tinta preta nos dedos.

— Estas árvores devem ter adoecido — disse. Era o melhor que podia oferecer ao jovem Christopher. Tentou outra piada: — Se calhar, vou ter de as mandar para casa antes do fim das aulas.

O rapaz não se riu.

Embora ainda fosse tecnicamente manhã, Rachel anunciou que iam fazer um intervalo para o almoço.

— Mas é muito cedo para almoçar — disse a miúda com grandes olhos castanhos.

— Não pela hora de São Francisco — frisou Rachel.

Enquanto encaminhava os miúdos de volta ao edifício principal, a sua mente voava em busca de explicações possíveis para o que acabara de testemunhar. Mas nada fazia sentido. Rachel nunca vira ou lera sobre algo assim. Não fora fruto do trabalho dos insetos vampiros, que podiam comer as figueiras-de-bengala se não fossem controlados. Nem do *Roundup*, o herbicida que os jardineiros usavam com demasiado zelo nos doze hectares do parque, que se estendia até à baía de Hilo. Rachel sempre considerara os herbicidas um mal necessário — como os primeiros encontros.

Aquilo era outra coisa. Algo sombrio, talvez até perigoso, um mistério que tinha de resolver.

Quando as crianças se instalaram na cantina, Rachel seguiu a correr até ao seu gabinete. Pediu autorização ao chefe e depois ligou a Ted Murray, um ex-namorado de Stanford que a recomendara para aquele emprego e a convencera a aceitá-lo, e que agora trabalhava para o Corpo de Engenharia do Exército, na Reserva Militar.

— É possível que tenhamos uma coisa aqui— disse-lhe Rachel.

— Uma *coisa*? — respondeu Murray. — Meu Deus, que mania têm vocês, cientistas, de usar palavras caras.

Ela explicou-lhe o que vira, sabendo que falava demasiado depressa, com as palavras a tropeçar umas nas outras quando lhe saíam.

— Eu trato do assunto — disse Murray. — Vou enviar algum pessoal para aí o mais depressa possível. E não entres em pânico. Tenho a certeza de que há uma boa razão para esta... *coisa*.

— Ted, tu sabes que não me assusto facilmente.

— Não precisas de mo dizer — disse Murray. — Sei por experiência própria que normalmente és tu quem assusta.

Rachel desligou a chamada, sabendo que *estava* assustada com aquele que para si era o maior de todos os medos: *não saber.* Enquanto as crianças continuavam a comer ruidosamente o almoço, calçou as sapatilhas que mantinha debaixo da secretária e correu de volta para o aglomerado de figueiras-de-bengala.

Havia mais árvores enegrecidas quando lá chegou, com a mancha a trepar a partir de raízes aéreas que se esticavam como dedos nodosos cinzentos.

Rachel Sherrill tocou numa das árvores com cuidado. Parecia um fogão ligado. Verificou as pontas dos dedos para se certificar de que não os queimara.

Ted Murray dissera que ia mandar pessoal seu para investigar assim que conseguisse juntar uma equipa. Rachel voltou a correr para a cantina e reuniu o grupo de alunos do quinto ano de São Francisco. Não havia necessidade de levar fosse quem fosse a entrar em pânico. Pelo menos, por enquanto.

A última paragem dos miúdos era uma floresta tropical em miniatura bastante afastada das figueiras-de-bengala. A visita pareceu-lhe interminável, mas quando finalmente findou, Rachel disse:

— Espero que voltem um dia destes.

— Vai chamar um médico para as árvores doentes? — perguntou uma menina muito magrinha.

— É isso que vou fazer agora mesmo — respondeu.

Virou-se e, mais uma vez, avançou na direção das figueiras-de-bengala. Rachel sentia-se como se o dia inteiro tivesse explodido à sua volta, como um dos vulcões ao longe.

TRÊS

Ouviu-se uma voz entremeada de estalidos vinda dos altifalantes; o patrão de Rachel Sherrill, Theo Nakamura, dizia aos visitantes que evacuassem de imediato os jardins botânicos.

— Isto não é um teste — dizia Theo. — É para a segurança de todos os que se encontram no recinto. O que inclui todo o *staff* do parque. Peço a todos que saiam do parque, por favor.

Em segundos e aos magotes, os visitantes começaram a aproximar-se de Rachel. O recinto acolhia mais gente do que ela pensara. Mães a correr, a empurrar carrinhos de bebé à sua frente. Crianças a correr à frente dos pais. Um adolescente guinou a bicicleta para não atropelar uma criança, caiu, levantou-se a praguejar, montou outra vez na bicicleta e continuou a andar. De repente, havia fumo por todo o lado.

— Pode ser um vulcão! — ouviu-se uma jovem a gritar.

Rachel viu dois jipes do exército estacionados ao longe, junto do aglomerado de figueiras-de-bengala. Outro jipe passou por ela a toda a velocidade; Ted Murray ia ao volante. Ela gritou o nome dele, mas Murray, que provavelmente não a ouvira no meio do caos, não se virou.

O jipe de Murray parou, saindo de lá vários soldados. Murray mandou-os formar uma zona em volta da entrada do arvoredo e garantir que os visitantes continuavam a ser encaminhados para a saída.

Rachel correu para as figueiras-de-bengala. Um outro um jipe parou à frente dela, e saiu de lá um soldado.

— Está a ir na direção errada — disse o soldado.

— Não... não está a perceber — gaguejou ela. — Essas... são as minhas árvores.

— Não quero ter de me repetir, minha senhora.

Rachel Sherrill ouviu o rotor de um helicóptero; olhou para cima e viu um aparelho a surgir das nuvens, de detrás dos picos gémeos. Viu-o aterrar e as portas a abrir. Homens com fatos protetores, com botijas às costas, saíram de lá com extintores que diziam FOGO FRIO. Apontaram-nos como se fossem armas e avançaram para as árvores.

As suas árvores.

Rachel correu para lá e em direção ao fogo.

Nesse mesmo instante, ouviu-se outro barulho vindo do céu, e dessa vez teve a certeza de que não era uma tempestade que se avizinhava.

Por favor, hoje não, pensou.

QUATRO

No dia seguinte, o jornal de Hilo, o *Hawaii Tribune-Herald*, não mencionou a evacuação dos jardins botânicos. Nem o *Honolulu Star-Advertiser.* Nem nenhum dos outros jornais do arquipélago. Não houve reportagem no *New York Times.*

Nenhum dos noticiários regionais abordou o que acontecera no parque no dia anterior. Não havia conversas sobre o assunto nas estações de rádio, obcecadas com o facto de o turismo do Havai ter diminuído no primeiro trimestre desse ano.

Houve algumas menções nas redes sociais, mas não muitas, nada de viral, talvez porque as multidões tivessem sido relativamente pequenas nos Jardins Botânicos de Hilo nessa segunda-feira. Algumas publicações no Twitter descreveram um pequeno incêndio numa zona de mato que fora contido com sucesso devido a uma resposta rápida, embora algumas pessoas tenham mencionado ter visto um helicóptero aterrar no terreno quando estavam de partida.

Nada daquilo surpreendia. Era Hilo. Era o Havai descontraído, apesar de todos viverem à sombra dos vulcões, uma ameaça constante às suas vidas, e de ninguém passar muito tempo sem que os seus olhos se vissem atraídos pelo Mauna Loa e pelo Mauna Kea.

O parque manteve-se encerrado durante dois dias.

Quando reabriu, foi como se nada se tivesse passado.

ERUPÇÃO

CAPÍTULO 1

Honoli'i Beach Park, Hilo, Havai
Quinta-feira, 24 de abril de 2025
Tempo até à erupção: 116 horas, 12 minutos, 13 segundos

— Dennis! — De pé, na praia, John MacGregor viu-se obrigado a gritar para que o surfista o ouvisse por cima do som das ondas. — E que tal não te armares em *kūkae* comigo, se não for pedir muito?

Não era a primeira vez que os miúdos que John MacGregor treinava ouviam aquela expressão, e sabiam perfeitamente que não se tratava de um elogio. *Kūkae* era um regionalismo do Havai para «maluquinho», e quando John MacGregor o usava significava que alguém na água se comportava como se nunca tivesse estado em cima de uma prancha. Ou que estava prestes a acabar debaixo de uma.

Mac tinha 36 anos e era um surfista talentoso, ou pelo menos tinha-o sido na juventude, antes de os joelhos começarem a parecer-se com uma banda militar sempre que se acocorava na prancha. A sua paixão pelo desporto orientava-se agora para aqueles miúdos rijos de 14, 15 e 16 anos, de Hilo, metade dos quais já abandonara a escola.

Vinham para a praia, a pouco mais de três quilómetros do centro de Hilo, quatro tardes por semana e, durante algumas horas, faziam parte daquilo a que os ilhéus chamavam «o postal do Havai», o Havai dos programas de televisão, dos filmes e das brochuras da Câmara de Comércio.

— O que é que eu fiz, *Mac-man*? — perguntou Dennis, de 14 anos, ao sair da água.

— Bem, para começar, aquela nem sequer era a tua onda, era do Mele — disse Mac.

Estavam ambos ao fundo da praia de coral exposto. Honoli'i era conhecida por ser uma boa praia para os surfistas, principalmente porque as correntes fortes mantinham os nadadores afastados e os miúdos ficavam com a praia só para eles.

O último a sair da água foi Lono.

Lono Anaki, que crescera sem pai e cuja mãe era empregada de limpeza no Hilo Hawaiian Hotel, tinha 16 anos e era o preferido de Mac. Possuía um talento natural para a modalidade com a qual Mac podia apenas sonhar quando tinha a mesma idade.

Mac observou Lono, acocorado agora numa das pranchas *Thurso Surf* que Mac comprara para cada um deles. Mesmo dali, Mac conseguia vê-lo sorrir. Aquele rapaz havia de encontrar o medo no mar. Ou o medo havia de o encontrar a ele. Mas não nesse dia, ao cavalgar na perfeição a curva interior da onda.

Lono remou até à praia deitado na prancha, encaixou-a sob o braço e caminhou até onde Mac o esperava.

— Obrigado — disse.

— Porquê?

— Por me lembrares de ver sempre os grupos de ondas a chegar — disse ele. — Foi por isso que fui paciente, *ya*, como me disseste para ser, e esperei pela onda que queria.

Mac bateu-lhe levemente no ombro.

— *Keiki maika'i.*

Lindo menino.

Foi então que ouviram o ribombar vindo do céu. Ouviram-no e sentiram a praia a abanar sob os seus pés, o que os fez cambalear.

O rapaz não sabia se devia olhar para cima ou para baixo. Mas John MacGregor percebeu o que se passara; sabia reconhecer um tremor vulcânico, muitas vezes associado à desgaseificação, quando o sentia. Olhou para o céu em volta da Ilha Grande. Todos os miúdos fizeram o mesmo. Aquilo levou Mac a lembrar-se de algo que um dos seus professores universitários dissera sobre vulcões e «a beleza do perigo».

Quando a terra acalmou, sentiu o telemóvel a vibrar no bolso. Atendeu e Jenny Kimura disse:

— Mac, ainda bem que atendeste.

Jenny sabia que quando ele dava aulas aos seus surfistas, não gostava de ser incomodado com pormenores insignificantes do trabalho. A conferência de imprensa teria início apenas dali a uma hora. Por isso, se Jenny estava a ligar, não seria por algo pouco importante.

— Jenny, o que se passa?

— Temos desgaseificação — respondeu.

Não, não era um pormenor insignificante de todo.

— *Hōʻoʻopaʻoʻopa* — disse ele, a praguejar como um dos seus surfistas.